

VOLTA DA ESPERANÇA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 25.01.1989

O Plano Verão representa uma esperança para a sociedade brasileira. Desde que não fracasse de imediato por não contar com um mínimo de apoio da sociedade - o que considero pouco provável apesar de todo o descrédito acumulado pelo governo - o plano poderá ter duas conseqüências: ou apenas evitar a hiperinflação, ou realmente ser um caminho para o controle da inflação e a retomada do desenvolvimento brasileiro. Em qualquer das duas hipóteses, o Plano Verão terá sido um sucesso.

Na primeira hipótese a inflação voltará gradualmente, mas em níveis bastante inferiores a 30 por cento ao mês, de forma que será possível realizarmos com razoável tranqüilidade as eleições presidenciais deste ano. Não teremos nem o real controle da inflação nem a retomada dos investimentos e do crescimento econômico, mas evitar a hiperinflação neste momento já terá sido uma vitória. O país caminhava inexoravelmente para a hiperinflação, na medida em que a aceleração gradual mas firme da inflação inercial nos conduzia nessa direção. E nada era mais importante neste país do que evitar a desorganização econômica, política e social representada pelos processos hiperinflacionários.

A segunda hipótese é menos provável mas não deve ser descartada de pronto. O descrédito do governo junto a todas as classes sociais conduz naturalmente a uma atitude de oposição política, mas isto não nos deve impedir de apoiar as medidas que estão sendo tomadas e esperar que elas sejam bem sucedidas.

Este plano é um choque heterodoxo, uma reedição, portanto, do Plano Cruzado. Pouco ou nada tem a ver com o Plano Bresser: um plano de emergência, que, por falta de condições mínimas, não visava terminar com a inflação - tanto assim que a taxa de câmbio não foi congelada, não se realizou uma reforma monetária, nem se desindexou a economia - mas simplesmente superar uma crise econômica e financeira aguda resultante do fracasso do Plano Cruzado.

Em comparação com este último plano, o Plano Verão conta com três vantagens - preços relativos mais equilibrados, um grande superávit comercial e o

conhecimento dos erros cometidos na administração da demanda no caso do Cruzado - e uma desvantagem: a falta de entusiasmo da população.

O pleno êxito do Plano Verão dependerá da efetiva capacidade do governo de zerar o déficit público e recuperar a capacidade financeira do Estado brasileiro. As medidas já anunciadas caminham nesse sentido, mas tudo indica que são insuficientes. A forma de redução das despesas públicas não está ainda suficientemente esclarecida, e o governo precisará do apoio do Congresso para aumentar impostos e eliminar mais completamente os incentivos fiscais.

Por outro lado, o governo não deu ainda um encaminhamento adequado ao problema da dívida externa. Esperar recursos adicionais dos credores é inútil. Na verdade, enquanto não reduzirmos unilateralmente em cerca de 50 por cento nossa dívida, será difícil eliminar o déficit público e recuperar a capacidade de investimento do país. A centralização do câmbio foi uma boa medida de advertência aos credores, mas não é suficiente.

Economistas e empresários estão preocupados com as pressões de custo que derivarão da desvalorização cambial de 17 por cento e do aumento dos preços públicos. Esta preocupação é justificada, mas, em relação ao câmbio é conveniente lembrar que o Banco Central deverá agora congelar, por algum tempo, a taxa de câmbio. Dada a inflação que inevitavelmente sobrevirá, teremos uma revalorização parcial do novo cruzado.

O tratamento dado aos salários foi basicamente adequado. Não deverá provocar grandes perdas. Mas agora é essencial estabelecer a nova forma de correção dos salários. Para tranquilizar os trabalhadores, o restabelecimento de uma forma qualquer de correção mensal seria recomendável.

Em qualquer hipótese é preciso ficar claro que a inflação não será eliminada simplesmente com este choque. Por isso foi realista permitir que os contratos continuem indexados. E por isso é essencial que as medidas "ortodoxas" de caráter fiscal e monetário, nos próximos meses, sejam muito duras. Se o custo do controle da inflação for alguma recessão, valerá a pena pagá-lo. O que é imperdoável é termos crescimento econômico zero, como ocorreu em 1988, enquanto a inflação explodia.

A grande novidade deste plano sobre o Plano Cruzado está no fato de que este é um plano cuja responsabilidade foi inteiramente assumida pelo Presidente. Ao invés de Plano Verão, poderia ser chamado Plano Sarney. Enquanto economistas e empresários conservadores propunham medidas muito mais tímidas, o presidente decidiu ousar. E por maiores que sejam as limitações pessoais do presidente, é preciso receber de forma positiva esse seu envolvimento pessoal. Eu vinha cobrando medidas dessa natureza há muito tempo - desde outubro de 1987 -, mas tinha bons motivos para não acreditar que elas fossem tomadas. Volto agora a ter esperança.